

## Escritos da abolição

Irene Hirsch

Em 1838, Frederick Douglass (1817-95) fugiu de Maryland para Massachusetts, onde fez palestras a pedido de instituições antiescravagistas. Temendo ser recapturado, por ser um escravo refugiado, passou vários anos na Inglaterra e na Irlanda e, na volta aos EUA, comprou a sua liberdade e criou o jornal abolicionista *North Star*.

Publicou o seu primeiro livro, *Narrative of the Life of Frederick Douglass*, em 1845, que o consagraria como escritor. Além deste escreveu mais duas autobiografias: *My Bondage and My Freedom* e *Life and Times of Frederick Douglass*.

Em 2005, será comemorado o 150º aniversário da publicação de *My Bondage and My Freedom* e, no entanto, não existem traduções em português, de meu conhecimento, desse grande líder abolicionista norte-americano.

No texto que segue Frederick Douglass relata dois episódios em viagens de trem perto de Boston, nos quais criou um verdadeiro tumulto por tentar sentar-se ao lado de um homem branco, isso tendo sido considerado uma séria transgressão.

A tradução suscitou uma questão de natureza política: de início, a opção de traduzir o discurso de um negro abolicionista usando termos hoje considerados racistas ou eufemísticos, como

“homens de cor” ou “pretos”, pareceu-me esdrúxula, para não dizer incorreta. Por sugestão de amigos, consultei o livro do João José Reis, *Rebelião escrava no Brasil* (2 ed. rev. e ampliada, São Paulo, Cia das Letras, 2003), onde o célebre historiador diz que no período estudado (ca. 1835) tanto o negro crioulo – nascido no Brasil – como o negro africano são referidos como “pretos” e que a denominação “de cor” inclui crioulos, cabras, mulatos e outros mestiços. Como F. Douglass se refere a “colored men” e “negro”, procurei aproximar a minha tradução da época em foi escrita.

#### DE MEU CATIVEIRO E MINHA LIBERDADE DE FREDERICK DOUGLASS

Certas pessoas acham que existe uma repugnância natural, inerente e invencível no íntimo da raça branca por pessoas de cor escura; e existem certos homens de cor muito inteligentes que acham que a sua proscricção se deve apenas à cor que a natureza lhes deu. Afirmam que são classificados de acordo com a sua cor, e que é impossível para as pessoas brancas olharem para a raça escura de homens, ou de homens que pertencem à raça africana, e sentirem outra coisa salvo aversão. A minha experiência, tanto séria como divertida, contradiz essa conclusão. Deixando de lado os fatos graves, por um instante, vou relatar um ou dois casos que ilustram algumas características muito interessantes da personalidade norte-americana e do preconceito norte-americano. Há alguns anos, viajando de Boston para Albany, vi-me num vagão cheio de passageiros. O lugar a meu lado era praticamente o único assento livre. Novos passageiros entravam a cada parada e ao avistarem o lugar ao meu lado lançavam um olhar de desprezo e iam para um outro vagão, deixando-me usufruir o assento inteiro. Não o soube na época, mas, por algum tempo, as minhas viagens prejudicaram os interesses da companhia ferroviária. No

entanto, ocorreu um incidente que de pronto me assegurou uma posição melhor. Dentre os passageiros encontrava-se o governador George N. Briggs. Eu não o conhecia e não fazia idéia de que me conhecesse. No entanto, ele me conhecia e, ao me ver, deixou o seu lugar, caminhou na minha direção e, com deferência, pediu que eu lhe desse o privilégio de sentar-se ao meu lado. Depois de se apresentar, iniciamos uma conversa muito agradável e instrutiva para mim. O lugar desprezado tornara-se um lugar de honra. Sua excelência havia dissipado todo o preconceito ao sentar-se ao lado de um preto. Quando deixou o trem, ao chegarmos em Pittsfield, havia pelo menos uma dúzia de candidatos ao lugar. O governador, sem ter mudado em nada a cor de minha pele, havia tornado respeitável o lugar que antes havia sido desprezado.

Um incidente parecido aconteceu comigo na ferrovia que vai de Boston a New Bedford e o personagem principal foi o governador do estado de Massachusetts. Refiro-me ao coronel John Henry Clifford. Antes que o leitor imagine que estou a me vangloriar, com pretensões a ser amigo de homens importantes, devo contar que conheci o coronel Clifford quando fui contratado para ser seu empregado no primeiro inverno após a minha fuga da escravidão. Sou também obrigado a dizer que nesse relacionamento ele sempre foi generoso e cavalheiresco. Mas voltemos ao incidente. Entrei no vagão em Boston, indo para New Bedford, que estava lotado salvo por um único lugar, que achei que deveria ocupar, senão ficaria em pé durante a viagem. Não querendo isso, fui em direção ao homem que estava no lugar ao lado, que tinha colocado uns pacotes ali, e gentilmente pedi-lhe permissão para sentar-me ao seu lado. Meu companheiro de viagem lançou-me um olhar de reprovação e indignação, perguntando por que eu deveria me sentar logo naquele lugar. Assegurei-lhe do modo mais gentil que de todos os lugares aquele era o que me tinha sido designado. Ao perceber que ia me sentar, balbuciou: "Oh! pare, pare! E deixe-me sair!" Achando por bem agir de acordo

com o que dissera, aquele homem agitado levantou-se e caminhou na direção da outra ponta do vagão, onde foi obrigado a ficar em pé durante a maior parte do trajeto. Na metade, ou mais da metade, do percurso para New Bedford, o coronel Clifford reconhecendo-me, levantou-se do seu lugar e, não me tendo visto desde que eu não mais o acompanhava (em tudo, exceto nos argumentos enérgicos contra a sua posição a favor da escravidão), aparentemente esquecido da sua posição social, manifestou uma emoção como a de um velho amigo ao me cumprimentar. Essa demonstração não passou despercebida ao cavalheiro, cuja dignidade eu havia gravemente ofendido uma hora antes. O coronel Clifford era conhecido por ser um dos cavalheiros mais aristocráticos da região de Bristol; evidentemente pensaram que eu deveria ser alguém ou não teria sido notado por uma pessoa tão eminente. Com efeito, depois que o coronel Clifford me deixou, vi-me cercado por amigos: em meio deles, o meu amigo ofendido era o mais próximo, e desculpou-se por sua grosseria, a que não consegui me opor, embora fossem as desculpas mais inaceitáveis já oferecidas. Com tais fatos diante de mim – e sei de vários outros – tendo a pensar que o orgulho e a moda têm muita importância no tratamento comumente dado às pessoas de cor nos Estados Unidos. Certa vez, ouvi um homem muito simples (e ele era vesgo e canhestro em vários aspectos) dizer que ele seria um homem belo no dia em que a opinião pública mudasse.

FROM *MY BONDAGE AND MY FREEDOM* BY FREDERICK DOUGLASS

Some people will have it that there is a natural, an inherent, and an invincible repugnance in the breast of the white race toward dark-coloured people; and some very intelligent colored men think that their proscription is owing solely to the color which nature has given them. They hold that they are rated according to their color, and that it is impossible for white people ever to look upon dark races of men, or men belonging to the African race, with other than feelings of aversion. My experience, both serious and mirthful, combats this conclusion. Leaving out of sight, for a moment, grave facts, to this point, I will state one or two, which illustrate a very interesting feature of American character as well as American prejudice. Riding from Boston to Albany, a few years ago, I found myself in a large car, well filled with passengers. The seat next to me was about the only vacant one. At every stopping place we took in new passengers, all of whom, on reaching the seat next to me, cast a disdainful glance upon it, and passed to another car, leaving me in the full enjoyment of a whole form. For a time, I did not know but that my riding there was prejudicial to the interest of the railroad company. A circumstance occurred, however, which gave me an elevated position at once. Among the passengers on this train was Gov. George N. Briggs. I was not acquainted with him, and had no idea that I was known to him. Known to him, however, I was, for upon observing me, the governor left his place, and making his way toward me, respectfully asked the privilege of a seat by my side; and upon introducing himself, we entered into a conversation very pleasant and instructive to me. The despised seat now became honored. His Excellency had removed all the prejudice against sitting by the side of a negro; and upon his leaving it, as he did, on reaching Pirrsfield, there were at least one dozen applicants for the place. The governor had, without changing my skin a single shade, made the place respectable which before was despicable.

A similar incident happened to me once on the Boston and New Bedford railroad, and the leading party to it has since been governor of the state of Massachusetts. I allude to Col. John Henry Clifford. Lest the reader may fancy I am aiming to elevate myself, by claiming too much intimacy with great men, I must state that my only acquaintance with Col. Clifford was formed while I was *his hired servant* during the first winter of my escape from slavery. I owe it him to say, that in that relation I found him always kind and gentlemanly. But to the incident. I entered a car at Boston, for New Bedford, which, with the exception of a single seat, was full, and found I must occupy this, or stand up, during the journey. Having no mind to do this, I stepped up to the man having the next seat, and who had a few parcels on the seat, and gently asked leave to take a seat by his side. My fellow-passenger gave me a look made up of reproach and indignation, and asked me why I should come to that particular seat. I assured him, in the gentlest manner, that of all others this was the seat for me. Finding that I was actually about to sit down, he sang out, "O! stop, stop! and let me get out!" Suiting the action to the word, up the agitated man got, and sauntered to the other end of the car, and was compelled to stand for most of the way thereafter. Half-way to New Bedford, or more, Col. Clifford, recognizing me, left his seat, and not having seen me before since I had ceased to wait on him, (in everything except hard arguments against his pro-slavery position,) apparently forgetful of his rank, manifested, in greeting me, something of the feeling of an old friend. This demonstration was not lost on the gentleman whose dignity I had, an hour before, most seriously offended. Col. Clifford was known to be about the most aristocratic gentleman in Bristol country; and it was evidently thought that I must be somebody, else I should not have been thus noticed, by a person so distinguished. Sure enough, after Col. Clifford left me, I found myself surrounded with friends; and among the number, my offended friend stood nearest, and with an apology for his rudeness,

which I could not resist, although it was one of the lamest ever offered. With such facts as these before me – and I have many of them – I am inclined to think that pride and fashion have much to do with the treatment commonly extended to colored people in the United States. I once heard a very plain man say, (and he was cross-eyed, and awkwardly flung together in other respects,) that he should be a handsome man when public opinion shall be changed.